nar, é inventar o próprio tempo e espaço.

Através do lúdico a criança pode desenvolver habilidades físicas e motoras acrescentando sempre na sua relação com o meio. Os brinquedos e jogos pode ser utilizar como processo terapêutico, a criança brinca com o que não se pode entender, brinca para tentar entender e continua brincando dando novos significados a vida.

É possível do modo como a criança brinca estabelecer o seu aprendizado, pode-se notar a forma como vê o mundo a sua capacidade de argumentar, organizar, construir e significar.

O tema abordado vem de encontro a questões de mundo que lá traz ficou sem respostas. Hoje com a pesquisa, com as leituras estabelece a construção do saber quando o sujeito age sobre o seu conhecimento, ele aprende, constrói utilizando o que aprendeu em diferentes situações modificando a si e ao meio.

A ludicidade faz com que a criança, estabeleça lentamente vínculos, nas brincadeiras com os objetos externos e internos num processo de trocas intensas com a realidade e com a fantasia.

Toda e qualquer aprendizagem é vivenciada, registrada, guardada, e memorizada pelo corpo. Pois os brinquedos, brincadeiras, os jogos têm um lugar especial e privilegiado na aprendizagem e proporciona à criança, como sujeito a oportunidade de viver o princípio do prazer e o princípio da realidade.

Dentro desta pesquisa foi possível construir um conceito mais aprimorado e fundamentado em autores conceituados e mencionados na bibliografia, agregando valores que podem ser acrescentados durante todo o processo da ludicidade e sua importância na formação do cidadão.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso, Jogos para a estimulação das Múltiplas inteligências 8ed. Petrópolis: vozes, 1998.

Coria. Sabine, Maria Ap, Lucena. Regina F. de. Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil. Campinas: Papirus,2009

Duprat, Maria,Carolina (org). Ludicidade na Educação Infantil. São Paulo, Pearson: 2015.

Rau, Maria C.T.D. A ludicidade na Educação Infantil. Uma Atitude

Pedagógica. Curitiba: IBPEX 2011

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.) O jogo, Brinquedo, brincadeira e a Educação, 7 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

A LUDICIDADE PARA O ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

MÁRCIA LÚCIA TELLES DA SILVA

Resumo:

Atualmente a inclusão dentro do âmbito escolar tem sido cada vez mais real e dentro desse cenário, a presença de alunos com autismo cada vez mais frequente. Esse trabalho científico se justifica pela necessidade de observar que o aluno autista dentro do processo de inclusão e no âmbito escolar necessita que todas as suas potencialidades sejam desenvolvidas, e que a partir das suas especificidades, isso tem sido cada vez mais complexo. Tem como objetivo demonstrar como a ludicidade quando presente no âmbito educacional pode contribuir significativamente no desenvolvimento das potencialidades e inclusão do aluno autista. Como objetivos específicos temos os benefícios motores e sociais que a ludicidade pode promover a esses estudantes. Como metodologia, foi realizada uma revisão bibliográfica, com uma pesquisa em diversos autores, a partir de livros, artigos e teses relacionados ao autismo (breve histórico, principais conceitos e características), a ludicidade no âmbito escolar (conceituação, as contribuições motoras e psicológicas para os alunos), para comprovação do tema elencado. A ludicidade e toda sua linguagem social, corporal e cognitiva, estimula a comunicação e sua capacidade de expressão. Incluir é entender que o aluno a partir de suas especificidades, terá a possibilidade de ter as suas potencialidades desenvolvidas, como é de direito a todos os alunos.

Palavra-chave: Autismo, Ludicidade, Potencialidade, Especificidades.

ABSTRACT

Currently, inclusion within the school environment has been increasingly real and within this scenario, the presence of students with autism is increasingly frequent. This scientific work is justified by the need to observe that the autistic student within the inclusion process and in the school environment needs that all their potentialities are developed, and that from their specificities, this has been increasingly complex. It aims to demonstrate how playfulness, when present in the educational environment, can significantly contribute to the development of the potential and inclusion of the autistic student. As specific objectives we have the motor and social benefits that playfulness can promote to these students. As a methodology, a bibliographic

review was carried out, with a research in several authors, from books, articles and theses related to autism (brief history, main concepts and characteristics), playfulness in the school environment (conceptualization, motor and psychological contributions for students), to prove the topic listed. The playfulness and all its social, body and cognitive language, stimulates communication and their ability to express themselves. To include is to understand that the student, based on their specificities, will have the possibility of having their potential developed, as is the right of all students.

Keywords: Autism, Playfulness, Potentiality, Specificities.

INTRODUÇÃO:

Atualmente a inclusão garantida por lei, promoveu e promove a integração de muitos alunos que antigamente ficavam dentro de casa, desprovidos de qualquer tipo de aprendizagem e capacidade de interação social. Com isso, a presença de alunos autistas tem sido cada vez maior e consequentemente, a busca por parte dos docentes do adequado desenvolvimento desses discentes acaba sendo uma longa e curiosa jornada.

Esse trabalho científico se justifica pela necessidade de observar que o aluno autista dentro do processo de inclusão e no âmbito escolar necessita que todas as suas potencialidades sejam desenvolvidas, e que a partir das suas especificidades, isso tem sido cada vez mais complexo.

Em face disso tudo, esse estudo tem como objetivo demonstrar como a ludicidade quando presente no âmbito educacional pode contribuir significativamente no desenvolvimento das potencialidades e inclusão do aluno autista. Como objetivos específicos temos os benefícios motores e sociais que a ludicidade pode promover a esses estudantes.

Como metodologia, foi realizado uma revisão bibliográfica, a partir de livros, artigos e teses relacionados ao autismo (breve histórico, principais conceitos e características), a ludicidade no âmbito escolar (conceituação, as contribuições motoras e psicológicas para os alunos), com a pesquisa em diversos autores que levaram o trabalho ao cunho científico, saindo do senso comum.

Por meio da ludicidade, o aluno autista tem a possibilidade de aprendizagens diferenciadas, já que foge dos padrões arcaicos que muitas vezes ainda teimam em persistir na escola, com alunos sentados em fila, copiando, com modelos prontos e sem qualquer espaço para aprender a partir de sua especificidade, sentimentos e quereres.

A inclusão para existir de forma efetiva deve antes de mais nada, ser global, interdisciplinar, com parcerias e com a consciência de que toda a aprendizagem só existe se for a partir das especificidades e as potencialidades de cada aluno. A partir daí a ludicidade na escola surge muito mais do que uma metodologia própria, mais também como uma janela que se abre com infinitas possibilidades para todos os alunos e principalmente os autistas.

2. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E PRINCIPAIS CONCEITOS

Hoje a questão da inclusão e toda a diversidade humana, trouxe para a escola um ambiente primado pela heterogeneidade. Além dos avanços da medicina (maior efetividade no diagnóstico), as mídias sociais contribuem significativamente para esclarecimentos a respeito de tudo que cerca o autismo, desde seu conceito, sintomatologia, formas de tratamento (manutenção), apoio psicológico aos pais e assim por diante.

Por outro lado, sabe-se que ainda há muito para evoluir nesse assunto, tanto na área médica, na educacional, na psicológica e nas demais áreas envolvidas quando a presença de uma criança autista é uma realidade.

O indivíduo autista tem um padrão de comportamento, produzido de uma forma complexa com resultado final de uma longa sequência de causas. Existe desde o nascimento ou começa quase sempre durante os primeiros trinta meses de vida.

Lima (2016) descreve que termo autismo foi inicialmente utilizado em 1943 quando houveram pesquisas com crianças que apresentaram transtornos no desenvolvimento, com falta de ajustamento postural, falta do contato ocular, alteração no comportamento, na comunicação e na interação social.

Existem muitas definições sobre o autismo de acordo com as perspectivas teóricas de que partem seus autores, então, defini-lo, certamente, significa atravessar um campo minado de controvérsias que cerca sua singular condição. O processo psicopatológico é definido levando-se em conta o marco dentro do qual está concebida toda a interpretação que se dará à perturbação que certamente afetará diferentes manifestações da vida do indivíduo.

Antigamente, o autismo infantil foi denominado como uma esquizofrenia infantil. Essa ideia se tornou completamente errônea ao longo do tempo, graças às pesquisas e aos estudiosos, já que o autismo se inicia na primeira infância, enquanto que a esquizofrenia é raramente vista antes dos 7 anos de idade e se torna mais comum na adolescência. (LIMA, 2016)

O autismo pertence ao grupo denominado TGD e é classificado como: um desenvolvimento alterado, manifestado antes da idade de três anos, e apresentando uma perturbação característica do funcionamento em cada um dos três domínios seguintes:

interação social, comunicação, comportamento focalizado e repetitivo. Além disso, o transtorno se acompanha comumente de numerosas outras manifestações inespecíficas, por exemplo, fobias, perturbações de sono ou da alimentação, crises e até episódios de agressividade. (SUPLINO, 2007)

Ao se deparar com um autista, essa tríade de conceitos denominada como:

Interações sociais, comunicação e comportamento focalizado e repetitivo, jamais deve ser ignorado, já que é o alicerce para o conhecimento e entendimento inicial desse transtorno, independente da definição de autismo pesquisada, sempre irá aparecer, reforçando ainda mais o conhecimento no que se refere à sintomatologia, que poderá ser entendida posteriormente nesse estudo científico.

O autismo, hoje, é considerado um transtorno com etiologias múltiplas em consequência de um distúrbio de desenvolvimento. Tem como características, ser invasiva, persistente e podendo ser comprometedora do desenvolvimento da criança, afetando-a de maneira generalizada. E embora receba a classificação de um distúrbio de desenvolvimento com alterações nas relações sociais e na comunicação, em alguns casos, esse transtorno pode ser acompanhado por outras deficiências.

O autismo é um distúrbio do desenvolvimento. Uma alteração nos sistemas que processam a informação sensorial recebida fazendo a criança reagir a alguns estímulos de maneira excessiva, enquanto a outros reage de forma inerente.

Muitas vezes, a criança se "ausenta" do ambiente que a cerca e das pessoas circunstantes a fim de bloquear os estímulos externos que lhe parecem avassaladores. Ela pode deixar de explorar o mundo à sua volta, permanecendo em vez disso em seu universo interior. (GRANDIN & SCARIANO, 1999)

Assim, a pessoa autista permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que a cercam no mundo externo. Outro motivo para isso é o fato de, em geral, sentir dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas, uma vez que ela pode não usa a fala como um meio de comunicação. Logo, não se comunicando com outras pessoas, acaba passando a impressão de que vive sempre em um mundo próprio, criado por ela e que não se interage fora dele.

A palavra autismo é oriunda da junção de duas palavras gregas: "autos" que significa "em si mesmo" e "ismo" que significa "voltado para", ou seja, o termo autismo originalmente significava, "voltado para si mesmo". (LIMA, 2016)

Sabe-se que há muito a progredir em relação à assistência ao indivíduo autista, já que o preconceito e as dificuldades ainda existem e são imensas, mas o caminho já começou a ser traçado.

Dentre todas as características que o autista possui, a perturbação social é aquela que fica mais evidente, pois interfere em uma característica básica do ser humano que é a sua capacidade de conviver em sociedade.

Na maioria dos casos, a perturbação social está aparente desde cedo, apresentando uma criança introspectiva, muitas vezes, desligada do mundo externo, ou seja, dentro do seu próprio mundo, tendo até a ausência da fala, intensificando ainda mais esse isolamento.

Embora já se possa ter "suspeitas" desde os primeiros dias, as condutas de desconexão da criança autista já podem ser evidentes aos 8-9 meses de idade. Os primeiros sinais poderiam ser a ausência do reflexo de aproximação oral ao peito materno (pelo qual o recém-nascido põe-se em linha com o bico do seio e abre a boca mesmo antes de entrar em contato com ele) e o rechaço ao contato com o peito, a pobreza ou ausência do reflexo de busca, de sucção, de fixação e seguimento ocular, assim como mais tarde, do sorriso facial. (GOMEZ, 2007)

Então, nesse momento, cabe ao profissional, em um trabalho de equipe multidisciplinar, diferenciar aquele bebê que não fixa o olhar por ter uma lesão neurológica congênita, daquele que fisiologicamente não possui agravantes, pois o tratamento será diferenciado de acordo com o diagnóstico.

Com quatro a cinco meses, a criança não apresenta os movimentos antecipatórios quando alguém faz a menção de pegá-lo e quando levantado apresenta uma rigidez ou flacidez muscular. Após o sexto mês de vida, é comum certa resistência à introdução de alimentos sólidos, tendo dificuldades em aceitá-los. Esse bebê autista, quando recolocado no berço, dá a impressão de não se importar, parecendo que não é afetuoso. Frequentemente, não revela ansiedade ou medo de estranhos, fenômeno normal e saudável numa criança de oito meses. (GOMEZ, 2007)

Gauderer diz que essa criança autista de dois a três anos "mostra pouco ou nenhum interesse em brinquedos e quando brincam geralmente não levam em consideração a função para que foram feitos" (1993). Por volta do quinto ano de vida, as alterações voltam a se dirigir para a fala. A criança autista continua ausente ou com poucas palavras, usadas de maneira que parecem sem sentido. Observa-se também, na presença da fala, uma ecolalia, pois a criança repete palavras ou frases inteiras fora do contexto ou à margem de uma conversação.

Normalmente, a comunicação verbal é muito concreta, com reduzida capacidade de abstração. O não envolvimento emocional continua. A afetividade permanece ausente

e a comunicação verbal é restrita. A criança continua alheia e emocionalmente distante.

Durante o período da infância, dos cinco aos dez anos, o progresso no desenvolvimento das habilidades ocorre de forma distinta em diferentes crianças. Aos dez anos e na aproximação da puberdade, certo número de crianças tem uma exacerbação do comportamento, que é característico do autismo, incluindo as atividades repetitivas, resistência às mudanças e podendo ter um comportamento agressivo e destrutivo. Aqueles que socialmente se aproximam de outras pessoas de forma ativa, embora peculiar, podem se tornar mais exigentes e reagir com fúria se os outros não se dispuserem a ouvir por muito tempo suas conversas repetitivas.

Dentre todos as características que o autista possui, a perturbação social é aquela que fica mais evidente, pois interfere em uma característica básica do ser humano: conviver em sociedade.

Na maioria dos casos, a perturbação social está aparente desde cedo, apresentando uma criança introspectiva, muitas vezes, desligada do mundo externo, ou seja, dentro do seu próprio mundo, tendo até a ausência da fala, intensificando ainda mais esse isolamento.

O autismo na infância pode promover um isolamento dessa criança em relação as relações interpessoais, pois ela deixa de explorar o mundo à sua volta, permanecendo em seu universo interior.

Vale ressaltar que cada autista tem suas características e limitações próprias, ou seja, um autista dificilmente se comportará igual ao outro.

O autismo não tem cura, mas existe uma melhora significativa com o tratamento. Assim, quanto mais rápido for dado o diagnóstico, mais rápido será o início do processo do tratamento e, consequentemente, mais rápido surgirá melhora na pessoa autista. Mas, para Revière (2005), citado por Giardinetto (2009, p.22), "o tratamento mais efetivo com crianças com autismo é a educação", o que é uma explicação plausível para o fato da crescente busca pela inclusão de alunos com necessidades especiais nas escolas brasileiras.

3. LUDICIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

A Ludicidade está presente na vida do indivíduo desde a mais tenra idade, contribuindo no seu desenvolvimento humano e nos processos de ensino e aprendizagem que o mesmo passa em todo o seu âmbito educacional.

Com isso, o professor pode fazer uso dessa ludicidade para que consiga desenvolver mecanismos que sejam um incentivo ao desenvolvimento do indivíduo.

Lúdico vem do latim "ludos", que remete a jogos e divertimento. A função das atividades lúdicas é dar prazer e divertir os envolvidos. Isso, porém, não significa que não há resultados positivos com relação à aprendizagem. Ao contrário, o lúdico estimula o raciocínio facilitando o entendimento, a criatividade e o desenvolvimento intelectual das crianças. Elas aprendem de maneira mais eficaz quando elementos que gostam fazem parte do processo. (LUCKESI, 2000)

Durante as brincadeiras o indivíduo acumula experiências e memórias, o que estimula a criatividade, e auxilia na solução de problemas, ajudando no amadurecimento psíquico.

Utilizar o lúdico como instrumento de ensino, faz com que a criança se sinta estimulada e desafiada, de forma prazerosa, acumulando experiencias e memórias, potencializando a criatividade, auxiliando na solução de problemas e contribuindo para o amadurecimento psíquico. Toda atividade ou ação lúdica é importante para a criança na hora de aprender, pois é prazeroso e significativo.

Devido a esses fatores, o lúdico vem ganhando destaque na educação, pois ele estimula o raciocínio lógico e a reflexão. Esse método valioso ajuda as crianças a ter um autoconhecimento, fazer descobertas sobre o mundo e sobre si mesmas, experimentar a sensação de aventuras, ações e explorações.

Como o lúdico faz parte da cultura, as escolas devem sempre adotá-lo como algo essencial, desde os anos iniciais. Porém, a realidade tem sido bem diferente, já que até algumas escolas de educação infantil têm por hábito lecionar atividades repetitivas, que não estimulam a criatividade do educando, sendo úteis somente ao educador. (MARCELLINO, 1997)

O lúdico permite que a criança dê significado ao seu mundo e a realidade que vive. Ela brinca com a realidade aprendendo a lidar com diversas situações. (GOMES, 2004).

Assim, a ludicidade vai além de jogos e brincadeiras, ela está relacionada com o desenvolvimento cognitivo necessário em qualquer idade. Entende – se então, que através dessas atividades o ser humano adquire conhecimento de mundo e consegue atingir um amadurecimento psicológico.

Desta forma, o uso do lúdico no processo de aprendizagem vem sendo ampliado, pois a proposta é de um conhecimento além do superficial, apregoado muitas vezes de forma mecânica na sala de aula e em todo contexto escolar.

4. O ALUNO AUTISTA E O LÚDICO NO ÂMBITO EDUCACIONAL

Embora o lúdico e a educação vem ca-

minhando cada vez mais junto, contribuindo de forma significativa para o desenvolvimento global do indivíduo, ter o primeiro como metodologia e instrumento para qualquer processo de ensino e aprendizagem no caso de um aluno com qualquer deficiência ainda não se apresenta com a devida proximidade que deveria possuir.

A ludicidade dentro do âmbito escolar promove possibilidades como a fixação de conceitos, o desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas, o incentivo a participação ativa. (GRANDO, 2000)

O lúdico incentiva o desenvolvimento da imaginação, da confiança, da autoestima, da interação, pois oportuniza ao aluno a capacidade de aprender por meio da experiência da ação e interação com o meio que a rodeia. (GRANDO, 2000). Essa questão da interação acaba sendo ponto de referência que necessita de extrema atenção, quando o professor tem em sua turma um aluno autista.

Ronca (1989) relata que o lúdico possui uma intensa importância no universo infantil e consequentemente na vida escolar do aluno. Ele tem a capacidade de ser uma fonte prazerosa de conhecimento, oportunizando o aluno do desenvolvimento da elaboração de sequências lógicas, de um importante desenvolvimento psicomotor, além do estímulo a socialização.

Percebe-se que durante o lúdico a criança é estimulada a pensar, a desenvolver-se, a achar o seu equilíbrio, pois a mesma deixa de ter um papel passivo em qualquer processo de ensino e aprendizagem.

A questão da inclusão escolar, tem como premissa básica o desenvolvimento das potencialidades a partir das especificidades de cada um, cm total respeito a diversidade existente na escola. As pessoas com deficiência têm garantida por lei esse direito, onde o uso de inúmeras metodologias deve existir para o desenvolvimento pleno das mesmas. O preconceito e a desigualdade devem ser exterminados na escola e consequentemente além dos muros escolares.

Gomes (2004) descreve que o lúdico tem a capacidade de colaborar com a emancipação do indivíduo, fazendo uso constantemente do diálogo e da reflexão crítica, sempre pautado por uma construção coletiva, sendo um instrumento de resistência a injustiça e desigualdade.

Com isso, esse aluno passa a ter mais autonomia, tendo uma maior capacidade de criar estratégias para solucionar conflitos que possam ocorrer durante uma atividade lúdica, que posteriormente poderão ser utilizadas para sua vida além da escola.

A ludicidade é capaz de potencializar a socialização e interação das crianças autistas, fazendo com que desenvolvam sua consciência corporal através do próximo. (LIMA e DELALÉBERA, 2007)

Considerando o ambiente como influenciador direto nas atitudes do sujeito em geral, autistas, apesar de ter seu desenvolvimento motor quase sempre fisiologicamente adequados, não exploram o ambiente como deveriam ou, quando o fazem, parecem ser diferentes das demais. Uma importante relação que o lúdico pode estabelecer na escola, é o questionamento do que é diferente neste explorar, pois a aprendizagem de forma funcional e natural detém uma probabilidade maior de ser desenvolvida pelos sujeitos com autismo.

Em relação aos alunos com deficiência, a ludicidade pode ser considerada como agente pedagógico para a reinclusão social, por sua abrangência de conteúdos, que criam possibilidades de integrar as especificidades das mais variadas deficiências. A relevância social de melhorar a qualidade de vida destes sujeitos se apresenta quando tratamos do ser humano, e como este tem direitos de ter o mínimo de autonomia.

Por meio do lúdico, essa criança dentro do ambiente escolar, de forma prazerosa acaba se envolvendo nas atividades de forma natural e muito mais intensamente. Além disso, oportuniza a mesma a ampliação de sua convivência social e a própria representação do mundo infantil. A ludicidade auxilia no desenvolvimento físico, emocional e intelectual da criança, onde jamais deve estar de fora de todo o processo de ensino e aprendizagem que permeia o ambiente escolar.

Compreender o autismo é abrir caminhos para o entendimento do nosso próprio desenvolvimento. Conviver com o autismo é abdicar de uma só forma de ver o mundo - aquela que nos foi oportunizada desde a infância. (BOSSA, 2002, p. 37).

O Autismo compreende mais do que tratos clínicos ou pedagógicos, compreende e proporciona o entendimento de que a diferença está em nossa “Percepção de Mundo”. Com esta aproximação e contemplando uma demanda social, a Educação Física também se legitima e se consolida diante da sociedade e das demais áreas do conhecimento.

O Autismo, apresenta muitos conflitos, e intervenções por meio do lúdico bem como de outras áreas do conhecimento, podem esclarecer estes conflitos sob diferentes pontos de vista. A ludicidade pode estar diretamente envolvida com a linguagem corporal, percebe como é o sujeito na perspectiva de que é original e plural e sua existencialidade se expressa no seu mundo vivido sem a separação entre o psiquismo e o biológico, considerando que suas necessidades, desejos e vontades conduzem -no a se movimentar rumo a atingir seus ideais. (GAIO e PORTO, 2006, p. 2).

O professor deve utilizar atividades co-

erentes com a realidade da criança. É necessário usar um local que não tenha muito estímulo visual e auditivo, pois o aluno pode se distrair e perder o interesse na atividade. As atividades devem ser selecionadas conforme a idade cronológica, atividades com começo, meio e fim. (LABANCA, 2000 p. 38).

Durante as atividades lúdicas, os jogos e brincadeiras realizadas pelos professores podem e devem estimular o pensamento através da ordenação, coordenação, noções de espaço e tempo e principalmente trabalhar na criança o conceito de socialização e respeito às normas e regras, trabalhando também o cognitivo, o motor, o psicológico propiciando a interação, participação e coletividade, construindo o seu conhecimento, ou seja, vai criando sua identidade, estabelecendo uma relação da realidade interior e exterior, facilitando a adaptar-se as regras do seu ambiente social permitindo-lhe a constituir e compreender o real.

Em suma a colaboração do professor é primordial para promover e conduzir o desenvolvimento desses educandos, por isso é de responsabilidade do professor selecionar e criar atividades adequadas respeitando o nível e limites das crianças, sua faixa-etária, seu contexto sócio –cultural e principalmente o cognitivo da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão escolar trouxe a oportunidade de se pensar em uma educação pautada na diversidade, onde o respeito às especificidades de cada aluno orienta as metodologias adequadas para que as potencialidades do mesmo sejam desenvolvidas de forma efetiva e significativa.

A presença do aluno com autismo é uma realidade nas escolas brasileiras, onde o desafio está em promover uma inclusão verdadeira, além da simples presença do mesmo no âmbito educacional. Busca-se desenvolver esse aluno, e para isso, o entendimento de tudo que cerca o autismo deve ser levado em conta, juntamente com as metodologias adequadas para uma aquisição satisfatória do que cerne todo o processo de ensino e aprendizagem.

No transcorrer desse estudo científico, os autores pesquisados destacam que para trabalhar com um aluno autista, torna-se primordial levar em conta certas especificidades do mesmo, dentre elas as interações sociais, a comunicação e o comportamento focalizado e repetitivo. Essa tríade de particularidades desse aluno é determinante no ambiente escolar e consequentemente no seu desenvolvimento cognitivo, motor e social.

Partindo dessa premissa, muitos professores podem até se sentirem inseguros em proporcionar ao aluno autista a tão recomendada variação de estímulos e metodologias preconizadas a partir de uma educação atual. Porém observou-se durante esse trabalho, que esse aluno necessita de uma abordagem que difere das atividades apenas rotineiras, dentro da sala, com as atividades em folhas ou cadernos.

Dentro desse cenário é que aparece a ludicidade, parceira da educação e extremamente efetiva no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem, pois independente da faixa etária, é inerente ao ser humano. Aprender através do lúdico, é aprender com significado, com prazer, por meio de atividades que fazem parte do cotidiano do aluno.

O aluno autista por meio da ludicidade pode estimular sua interação social, variadas formas de comunicação, dentre elas a linguagem corporal e a possibilidade do desenvolvimento cognitivo por meio de ações que oportunizam a autonomia, seu jeito de pensar e suas especificidades.

A ludicidade pode estimular o desenvolvimento desse aluno autista, mesmo sabendo que essa criança ou adolescente necessita de um ambiente harmônico, regular e sem grandes mudanças.

O professor deve entender que fazendo uso da ludicidade para o aluno autista estará propiciando ao mesmo a possibilidade de se desenvolver de forma integral, prazerosa e significativa.

REFERÊNCIAS

BOSSA, N. A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GAIO, R.; PORTO, E. Educação Física e pedagogia do movimento: possibilidades do corpo em diálogo com as diferenças. Campinas: Papirus, 2006

GAUDERER, E. C. Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: uma atualização para os que atuam na área: do especialista aos pais. Brasília: Corde,1993.

GIARDINETTO, S. B. A. Comparando a interação social de crianças autistas: as contribuições do Programa Teacch e do currículo funcional natural. 2009.135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005. Disponível em: http://200.136.241.56/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php? cod Arquivo=669 Acesso em 06 de junho de 2022.

GOMES, C.L (org). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GRANDIN,T. e SCARIANO, M. M. Uma menina estranha: autobiografia de uma autista. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.